

ALFAGUARA

Sofi Oksanen

A purga

Tradução de Anna Toivola Câmara Leme



Primeira parte

*Existe uma resposta para tudo,
mas a questão é saber qual é a pergunta*

PAUL-EERIK RUMMO

MAIO DE 1949

Por uma Estónia livre!

Tenho de tentar escrever alguma coisa para manter a cabeça a trabalhar e não deixar o meu espírito ir-se abaixo. Escondo o meu caderno aqui no chão por baixo do armário, de maneira a que ninguém o encontre, mesmo que me encontrem a mim. Isto não é vida para um homem. As pessoas precisam dos outros, de alguém com quem conversar. Tento fazer muitas flexões, cuidar dos músculos, mas já não sou um homem, sou um morto. Um homem é quem deve fazer os trabalhos no lar, mas em minha casa é uma mulher que os faz e isso envergonha-me.

A Liide está sempre a tentar aproximar-se de mim. Porque é que não me deixa em paz? Ela cheira a cebola.

O que é que está a atrasar os ingleses? Onde está a América? Está tudo por um fio e não há certezas de nada.

Onde estão as minhas meninas, a Linda e a Ingel? As saudades são tantas, que não consigo suportá-las.

HANS PEKK, filho de Eerik, camponês estónio

1992

ESTÓNIA OCIDENTAL

A mosca ganha sempre

Aliide Truu olhou para a mosca e a mosca olhou para ela. Os olhos da mosca estavam esbugalhados e Aliide sentiu nojo. Uma mosca varejeira. Particularmente grande, barulhenta e determinada a pôr ovos. Estava a tentar entrar na cozinha e esfregava as asas e as patas na cortina do quarto como que a preparar-se para a sua refeição. O que ela quer é carne, isso mesmo, carne, nada mais. As compotas e tudo o resto que estava em frascos não corria perigo, só a carne. A porta da cozinha estava fechada. A mosca estava à espera. À espera de que Aliide se cansasse de andar atrás dela no quarto e se fosse embora, abrisse a porta da cozinha. O mata-moscas acertou na cortina do quarto. A cortina abanou, as flores na renda ficaram enrodilhadas e os cravos de Inverno vislumbraram-se por detrás da janela, mas a mosca fugiu e desceu para se plantar no vidro estrategicamente por cima da cabeça de Aliide. Controlo! Era do que Aliide precisava agora para que a sua mão não tremesse.

A mosca acordara Aliide de manhã passeando descontraidamente nas rugas da sua testa como se passeasse numa estrada, de forma arrogante e provocadora. Aliide afastara o cobertor e corra para fechar a porta da cozinha, por onde a mosca não tinha ainda percebido que podia fugir. Era mesmo estúpida. Estúpida e má.

A mão de Aliide apertou o cabo do mata-moscas gasto de tanto uso e voltou a esgrimi-lo. A pele quebrada do mata-moscas embateu no vidro, o vidro tremeu, as argolas das cortinas rangeram e o cordão que permitia correr o cortinado por trás da sanefa curvou-se com o peso, mas a mosca conseguiu fugir mais uma vez como se estivesse a escarnecer dela. Apesar de Aliide já andar há mais de uma hora a tentar matar a mosca, ela tinha escapado a cada golpe e voava agora perto do tecto, zumbindo de forma peganhenta. Detestável, uma mosca varejeira criada nos esgotos. Ainda conseguiria apanhá-la. Descansaria um pouco, esmagá-la-ia e depois dedicar-se-ia a ouvir rádio e a fazer compotas. As framboesas estavam à espera, assim como os tomates suculentos e maduros. Este ano, a colheita tinha sido excepcionalmente boa.

Aliide endireitou os cortinados. Chuvoso, o pátio cinzento ressumava humidade, os ramos molhados das bétulas tremiam, as folhas estavam achatadas pela chuva, as ervas oscilavam e das suas pontas pingavam gotas. E por baixo havia algo. Uma trouxa qualquer. Aliide retirou-se para trás dos cortinados. Espreitou novamente lá para fora, puxou o cortinado de renda para não ser vista do pátio e susteve a respiração. Os seus olhos passaram ao lado das manchas deixadas pela mosca no vidro e concentraram-se na relva em frente à bétula que fora fendida por um raio.

A trouxa não se mexia e não tinha nada de reconhecível, a não ser o tamanho. A vizinha Aino vira no Verão um clarão por cima da mesma bétula quando ia a caminho de casa de Aliide, mas faltara-lhe a coragem para avançar e tinha regressado a casa e telefonado a Aliide para perguntar se estava tudo bem com ela e se no pátio dela tinha aparecido um óvni. Aliide não reparara em nada fora

do normal, mas Aino estava certa de que os óvnis tinham estado em frente à casa de Aliide, tal como haviam estado em casa de Meelis. Depois disso, Meelis não falara noutra coisa a não ser nos óvnis. A trouxa, no entanto, parecia ser deste mundo, estava escurecida pela chuva, acomodava-se ao terreno e tinha o tamanho de uma pessoa. Talvez um dos bêbados da aldeia tivesse acabado por vir adormecer no seu jardim. Mas não teria Aliide ouvido se alguém estivesse por baixo das suas janelas a fazer barulho? Aliide ainda tinha muito bom ouvido. E o cheiro a álcool já envelhecido conseguia senti-lo mesmo através das paredes. Há já algum tempo um grupo de bêbados da vizinhança andara a passear à frente da sua casa num tractor, com gasolina roubada, e tinha sido impossível não dar conta daquela barulheira. Houve vezes em que ultrapassaram a berma e por pouco não levavam a sua vedação. Por aquelas bandas já só havia óvnis, velhos, e um bando de *hooligans* atrasados mentais. A vizinha Aino já várias vezes tivera de passar a noite lá em casa, quando as rondas dos rapazes acabaram por ser demasiado violentas. Aino sabia que Aliide não tinha medo deles e que se fosse preciso os enfrentaria.

Aliide pousou na mesa o mata-moscas feito pelo pai, aproximou-se devagarinho da porta, agarrou o puxador, mas lembrou-se da mosca. Naquele momento estava parada. Estava à espera de que Aliide abrisse a porta da cozinha. Aliide voltou para junto da janela. A trouxa continuava no pátio e na mesma posição em que estava anteriormente. Parecia uma pessoa, os cabelos louros distinguiram-se sobre a relva. Estaria viva? Aliide sentiu um aperto no peito, o coração a bater descompassado. Deveria ir lá fora? Ou isso seria uma parvoíce, uma imprudência?

A trouxa seria um isco dos ladrões? Não, não podia ser. Ninguém a tinha atraído para a janela, ninguém tinha batido à porta. Se não fosse a mosca, ela não teria reparado na trouxa. Fosse como fosse. A mosca não fazia barulho. Aliide esgueirou-se para a cozinha fechando a porta rapidamente atrás de si. Ficou a ouvir. O ruído intenso do frigorífico quebrava o silêncio que do estábulo chegava à cozinha através da despensa. Não se ouvia o zumbido habitual. Talvez a mosca tivesse ficado no quarto. Aliide acendeu o fogão a lenha, encheu a panela de aquecer água e ligou o rádio. Falava-se das eleições presidenciais, mas em breve passariam para o mais importante, a meteorologia. Aliide queria retomar as suas tarefas do dia-a-dia, mas os seus olhos estavam presos à trouxa que via da janela da cozinha. Tinha o mesmo aspecto que quando a vira do quarto, só que agora parecia-se ainda mais com uma pessoa e tinha ar de que não iria sair dali pelo seu próprio pé. Aliide desligou o rádio e voltou para a janela. Reinava uma calma como só acontecia num dia de final de Verão numa aldeia despovoada da Estónia em que apenas se ouvia um galo a cantar. O silêncio, nesse ano, fora muito especial, ao mesmo tempo calmo como antes e depois de uma tempestade. Havia algo de semelhante na maneira como a relva de Aliide crescera e se colara aos vidros da janela. Molhada, muda e perturbadora.

Aliide escarafunchou o seu dente de ouro, havia qualquer coisa que ficara entre os dentes. Enfiou a unha no espaço entre os dentes e pôs-se à escuta, mas só ouviu a unha a tocar no osso e, de repente, sentiu uma dor na espinha. Parou de mexer nos dentes e concentrou-se na trouxa. As manchas na janela incomodavam-na. Limpou-as com um trapo de gaze, atirou o trapo para o lava-louça,

tirou o casaco do cabide, vestiu-o, lembrou-se da mala, pegou nela, deu uma vista de olhos em redor procurando um bom esconderijo e enfiou-a no armário da louça. Em cima do armário estava um frasco de desodorizante finlandês. Colocou-o no mesmo esconderijo e tapou o açucareiro onde se vislumbrava um sabonete Imperial Leather. Só depois rodou a chave silenciosamente, fechou a porta interior e abriu a porta da rua. Parou no vestíbulo, pegou no bastão a que se apoiava, mas largou-o e trocou-o pela bengala de ir à cidade, acabou por largar esta também e escolheu entre as ferramentas da entrada uma foice. Depois, pousou-a durante uns momentos contra a parede, alisou o cabelo, fixou melhor o gancho, puxou os cabelos da testa com muita precisão para trás das orelhas, pegou novamente na foice, destrancou o trinco da porta da rua, rodou a maçaneta e saiu para o pátio.

A trouxa continuava no mesmo sítio por baixo da bétula. Aliíde aproximou-se não deixando de olhar sempre para ela mas controlando ao mesmo tempo se via alguém. A trouxa era uma rapariga. Coberta de lama, esfarrapada, desmazelada, mas uma rapariga apesar de tudo. Uma rapariga completamente desconhecida. Uma pessoa de carne e osso e não um sinal qualquer enviado do céu, do futuro. As unhas partidas tinham restos de verniz vermelho. As bochechas mostravam traços de maquilhagem que escorregara dos olhos, uns caracóis meio-esticados com pequenos grumos de laca do cabelo nos quais estavam presas algumas folhas de salgueiro. Na base do cabelo alourado e áspero viam-se as raízes escuras, oleosas. Mas, por baixo da sujidade, a pele parecia demasiado madura, e as bochechas eram brancas e transparentes. O lábio inferior

tinha peles rasgadas e estava inchado e vermelho como um tomate, estranhamente brilhante e sanguíneo e fazia com que a porcaria parecesse uma película que era necessário limpar como se limpa a cera da casca de uma maçã que foi conservada no frio. As pregas das pálpebras estavam tingidas de roxo e os collants pretos transparentes mostravam malhas rasgadas. Mas não havia marcas nos joelhos, sinal de que a malha era densa e de boa qualidade. Eram, sem dúvida, collants ocidentais. A malha brilhava apesar da lama. Um dos sapatos tinha caído. Era um chinelo, cujo forro de flanela já estava cinzento e gasto de tanto uso e rasgado no sítio do calcanhar. Pelos ornamentos que tinham, Aliide percebeu que tivera uns iguais. Quando novos, esses ornamentos tinham sido castanho-claros. O chinelo era soviético. E o vestido? O vestido era ocidental. O tecido era bom demais para ser dali. E cintos como aquele só se conseguiam arranjar no Ocidente. Da última vez que Talvi viera da Finlândia trazia um cinto daqueles. A filha dissera-lhe que estavam na moda, e dessas coisas sabia ela. A vizinha Aino ficara com um igual, que viera num dos pacotes da assistência paroquial, embora ela não lhe desse nenhum uso, mas como lhe fora oferecido... Os finlandeses até podiam dar-se ao luxo de entregar para caridade roupas novas. De qualquer modo, o pacote vinha com anoraques e *T-shirts*, e já era altura de ir buscar mais. Mas o vestido da rapariga era demasiado requintado para ter vindo da igreja. E a rapariga não era dali.

Junto à cabeça dela estava uma lanterna. E um mapa.

A boca estava entreaberta e, ao debruçar-se mais sobre ela, Aliide viu os dentes da rapariga. Eram demasiado brancos. Entre os dentes brancos vislumbrava-se uma fila de coroas cinzentas.

Os olhos tremelicavam por baixo das pálpebras.

Aliide deu um safanão na rapariga com a foice, mas ela não se mexeu. Nem o chamar nem o beliscar fizeram com que a rapariga mexesse as pálpebras. Aliide foi buscar água da chuva que se encontrava no alguidar de lavar os pés e salpicou-a por cima da rapariga. A rapariga enrolou-se numa posição fetal levando as mãos à cabeça. Abriu a boca num grito, mas soltou apenas um sussurro:

— Não. Água não. Mais não.

Depois do sussurro, abriu os olhos e, dando um salto, sentou-se. Aliide, por cautela, recuou. A boca da rapariga continuava aberta, mas dela não saía qualquer som. A rapariga fixou Aliide, mas os seus olhos enfurecidos não se dirigiam a ela. Não se dirigiam a nada. Aliide continuou a tentar convencê-la de que não havia qualquer perigo, recorrendo às mesmas palavras tranquilizadoras que se usam para os animais domésticos atemorizados. O olhar da rapariga não mostrava qualquer rasgo de compreensão, mas a sua boca completamente aberta exprimia algo de familiar. Algo, não propriamente na rapariga, mas na maneira como se comportava, na maneira como se adivinhavam umas expressões por baixo daquela pele de cera, expressões que não vinham à superfície, e no modo como o seu corpo estava alerta apesar do seu olhar vazio. Que a rapariga precisava de um médico era evidente. Aliide não queria começar ela própria a tratar de uma estranha, de alguém desconhecido, de modo que propôs chamar um médico.

— Não!

A voz parecia segura, embora o olhar se mantivesse vago. Após o berro, seguiu-se uma pausa e de repente a rapariga soltou um conjunto de palavras coladas umas

às outras sobre ela não ter feito nada e de por ela não ser necessário chamar alguém. Eram palavras que se empurravam umas às outras, os princípios das palavras pegavam-se aos fins e a entoação era russa.

A rapariga era russa, uma russa que falava estónio.

Aliide recuou ainda mais.

Tinha de arranjar um cão novo. Ou dois.

A lâmina da foice acabada de ser afiada resplandecia, embora a luz esbatida pela chuva fosse acinzentada.

O lábio superior de Aliide cobriu-se de suor.

O olhar da rapariga começou a orientar-se, primeiro em direcção ao chão, a uma folha das ervas daninhas, depois para outra, gradualmente para mais longe para as pedras que ladeavam o canteiro, para a bomba de água e para a bacia debaixo da bomba. A seguir, desviou o olhar para o seu próprio colo, daí, passou para as mãos, parou nelas, deslizou para a lâmina da foice de Aliide, mas daí não subiu mais e regressou às palmas das suas mãos, aos arranhões nas mãos e às unhas partidas. A rapariga parecia estar a observar os membros do seu corpo, talvez os estivesse a contar, braço, pulso, palma da mão, todos os dedos no sítio certo, a outra mão fez o mesmo percurso e depois os dedos dos pés, do pé sem chinelo, pé, tornozelo, perna, joelho, coxa. O olhar não passou para a anca, mas de repente para o outro pé e para o chinelo. Levou o braço em direcção ao chinelo, agarrou-o devagar e calçou-o. O chinelo escorregou. A rapariga puxou o pé e o chinelo, e tocou com cuidado no tornozelo, não como uma pessoa que julga ter torcido ou partido o tornozelo, mas como alguém que não se lembra como é que é a forma em geral de um tornozelo ou como um cego às apalpadelas

a um estranho. Finalmente, conseguiu levantar-se, mas sem olhar ainda para o rosto de Aliide. Pôs-se de pé, levou as mãos ao cabelo, sacudiu-o para a cara e embora estivesse molhado e pegajoso puxou-o para a frente como se puxam uns cortinados estragados de uma casa abandonada onde não há qualquer vida para se esconder.

Aliide apertou a foice. Talvez a rapariga fosse maluca. Talvez viesse fugida de algum lado. Como é que ela poderia saber? Talvez a rapariga estivesse só confusa, talvez tivesse acontecido alguma coisa e a rapariga estivesse assim por isso. Ou talvez, apesar de tudo, a rapariga fosse mesmo um isco de um bando de ladrões russos.

A rapariga foi sentar-se no banco por baixo da bétula. O vento empurrou uns ramos para cima dela, mas ela não os afastou, desviando apenas as folhas que lhe caíram para o rosto.

— Afasta-te desses ramos.

Notou-se uma surpresa nas bochechas da rapariga. Uma surpresa misturada com mais qualquer coisa — parecia que se lembrara de algo. Que podia afastar as folhas que lhe caíam sobre o rosto? Aliide piscou os olhos. Maluca.

A rapariga afastou-se dos ramos. Os dedos agarraram-se ao rebordo do banco como se estivesse a tentar evitar cair. Havia uma pedra de amolar junto da mão dela. Esperemos que a rapariga não seja daquelas que se zangam facilmente e não comece a atirar pedras. Talvez seja melhor não a enervar. Ela devia ter cuidado.

— Mas afinal de onde és para teres vindo aqui parar?

A rapariga abriu a boca algumas vezes antes de dizer qualquer coisa — umas frases soltas sobre Tallin e sobre um automóvel. As palavras empurravam-se umas contra as outras, como anteriormente, encolhiam-se em sítios

errados, uniam-se antes de tempo e começaram estranhamente a fazer comichão nos ouvidos de Aliide. Mas isso não acontecia por causa das palavras da rapariga ou da entoação russa, mas por um outro motivo qualquer, havia algo de estranho no estónio da rapariga. Embora a rapariga, com aquelas roupas jovens e sujas, pertencesse aos dias de hoje, as suas frases eram antiquadas e vinham de um mundo de papéis velhos e de álbuns bolorentos já sem fotografias. Aliide retirou o gancho do cabelo e enfiou-o no ouvido, rodou-o lá dentro, tirou-o e colocou-o novamente no cabelo. A comichão continuou. De repente fez-se luz: a rapariga nem sequer era dali da região, talvez nem sequer mesmo do país. Mas quem é que vindo de outro lado saberia falar a língua de uma província como esta? O co-adjutor do pastor da vila era um finlandês que falava estónio. Tinha estudado a língua quando chegara e até a dominava muito bem, escrevia todos os sermões em estónio e já ninguém se lembrava de se queixar da falta de pastores na Estónia. Mas, no estónio da rapariga havia um outro tom qualquer, um tom mais antigo e amarelecido. Era como se tivesse de uma maneira estranha um sabor a uma coisa morta.

Através das frases lentas deu para perceber que a rapariga teria passado a noite a viajar de carro para Tallin com alguém e que houvera uma zanga com esse alguém e que esse alguém teria batido na rapariga e ela teria fugido.

— Quem é que estava contigo? — perguntou Aliide, finalmente.

Os lábios da rapariga tremeram um pouco, antes de balbuciar que viajava com o marido.

Marido? A rapariga era casada? Será que afinal a rapariga era mesmo um isco dos ladrões? Mas para isco

parecia estranhamente confusa. Ou o objectivo dela seria o de despertar compaixão? De modo a que uma pessoa tivesse vergonha de mandar embora uma coitada de uma rapariga naquele estado? Quereriam os ladrões roubar as suas coisas ou a sua floresta? Toda a madeira fora levada para o Ocidente e o processo judicial de Aliide sobre a devolução das terras estava longe de estar concluído, embora com ele não devesse haver qualquer problema. O velho Mihkel da aldeia fora levado a tribunal por ter disparado contra os homens que tinham vindo cortar as árvores na sua floresta. Mas a sentença fora leve, o tribunal compreendera a situação. O processo de Mihkel sobre a devolução das terras estava ainda em curso quando de repente as máquinas finlandesas tinham aparecido para lhe derrubar as árvores. A polícia não interviera, mas também como é que se podia proteger a floresta de alguém, dia e noite, sobretudo se esse alguém nem sequer era ainda o proprietário oficial da floresta? Assim, a floresta desaparecera e no fim Mihkel tinha disparado contra alguns dos ladrões. Naquele país e naquela época, tudo era possível, mas mais ninguém iria derrubar árvores da floresta de Mihkel sem autorização.

Os cães da aldeia começaram a ladrar, a rapariga estremeceu, tentou espreitar pela vedação para a estrada, mas nem sequer olhou em direcção à floresta.

— Quem é que estava contigo? — repetiu Aliide.

A rapariga lambeu os lábios, olhou para Aliide e para a vedação e começou a arregaçar as mangas. Os movimentos eram desajeitados, mas considerando o seu estado físico e a sua história até eram flexíveis. Debaixo das mangas surgiram uns braços com umas manchas coloridas e a rapariga estendeu-os para Aliide como que para provar

o que lhe tinha dito, ao mesmo tempo que virava a cabeça para a vedação, escondendo-a.

Aliide estremeceu. Sim, a rapariga estava a tentar apelar à sua compaixão, talvez quisesse entrar na casa para ver se haveria algo que valesse a pena roubar. As nódoas negras eram, porém, verdadeiras. Apesar disso, Aliide disse:

— Parecem antigas. Parecem nódoas negras antigas.

A frescura e a crueldade das manchas fizeram com que o lábio superior de Aliide se cobrisse de novo de gotas de suor. A rapariga voltou a cobrir as nódoas negras e o silêncio instalou-se. Sempre foi assim. Talvez a rapariga tivesse reparado no pouco à-vontade de Aliide porque de repente e com movimentos sincopados tapou com o pano as pernas como se só agora se tivesse apercebido de que se deveria ter envergonhado do que mostrara e virando-se para a vedação disse de forma veemente que estava escuro e que ela não sabia onde estava, e que tinha corrido sem parar. As frases sincopadas terminaram com a rapariga a garantir que se iria embora, que não ficaria a incomodar Aliide.

— Não saias daí, vou buscar valeriana e água — disse Aliide, e dirigiu-se a casa, espreitando ainda da porta para a rapariga que, encarrapitada em cima do banco, continuava sem se mexer. A rapariga estava com medo, isso era claro. O cheiro do medo sentia-se à distância. Aliide reparou que começara a respirar pela boca. Se a rapariga fosse um isco estaria com medo das pessoas que para ali a tinham enviado. E talvez tivesse mesmo razão para tal, talvez ela própria devesse interpretar o tremer das mãos da rapariga como sinal para trancar a porta e ficar dentro de casa, deixar a rapariga lá fora, fosse ela para onde quer que fosse, desde que se fosse embora, desde que a deixasse em paz, a ela, uma pessoa velha. Desde que não fique por aqui

a espalhar o cheiro execrável e familiar do medo. Andaria por ali um bando a vasculhar as casas todas? Deveria telefonar para averiguar? Ou teria a rapariga vindo ter a casa dela de propósito? Teria alguém ouvido dizer que a sua filha Talvi estaria para chegar da Finlândia? Mas também isso hoje em dia já não era nada de extraordinário, não como antigamente.

Na cozinha, Aliide encheu um jarro com água e acrescentou-lhe umas gotas de valeriana. Olhou para a rapariga através da janela e viu que ela não se tinha mexido nem um milímetro. Embora não fosse a hora da refeição, Aliide tomou, além da valeriana, uma colher do remédio para o coração, regressou ao pátio e estendeu o jarro à rapariga. Ela segurou nele, cheirou-o com cuidado, despejou-o para o chão e ficou a olhar para o líquido a infiltrar-se na terra. Aliide sentiu que se estava a enervar.

— A água não é boa?

A rapariga insistiu que sim, que a água era boa, mas queria saber o que é que Aliide lhe tinha misturado.

— Só valeriana.

A rapariga não disse nada.

— Achas que tenho algum motivo para te mentir?

A rapariga olhou de relance para Aliide. Na sua expressão havia algo de enviesado. Embora isso a perturbasse, Aliide foi, no entanto, à cozinha buscar outro jarro cheio de água e a garrafa de valeriana e deu-os à rapariga. Depois de a cheirar, a rapariga convenceu-se de que era mesmo água, reconheceu também a valeriana e deitou umas gotas na água. Aliide estava enervada. Estaria a rapariga a provocá-la? Talvez fosse simplesmente uma maluca, fugida do hospital. Aliide lembrou-se de uma mulher que uma vez fugira do asilo de Koluveri e andara descalça e com

um vestido de noite oriundo da assistência paroquial a vagarear pela aldeia cuspiendo para os desconhecidos que se cruzavam com ela.

— Então a água é boa?

A rapariga sorvia goles tão vorazes que a água lhe escorria pelo queixo.

— Há pouco tentei acordar-te, mas só gritavas «Água não».

A rapariga claramente não se lembrava disso, mas os gritos dela tinham ficado a ressoar na cabeça de Aliide, repercutindo de um lado para o outro do cérebro, passando para trás e para a frente e avivando algo muito mais antigo. As pessoas emitem sons surpreendentemente parecidos quando lhes mergulham a cabeça na água repetidamente. A voz da rapariga tinha soado nesse tom especial. Uma fala atabalhoada, o ar a acabar, o desespero. Aliide sentia que a mão lhe doía. O entorpecimento vinha-lhe da vontade de bater na rapariga. Está calada. Desaparece. Vai-te embora. Ou talvez Aliide estivesse enganada. Talvez a rapariga tivesse apenas estado em risco de se afogar num passeio e, por isso, tivesse medo da água. Talvez a cabeça de Aliide lhe estivesse a pregar partidas, associando coisas que não eram para ser associadas. Talvez fosse a língua que a rapariga falava, amarelecida e comida pelo tempo, que a levava a imaginar aquelas coisas.

— Fome? Tens fome?

A rapariga ficou com o ar de quem não tinha compreendido a pergunta ou de nunca alguém lhe ter perguntado tal coisa.

— Espera aqui — ordenou Aliide, e voltou para casa, fechando a porta atrás de si. Pouco depois voltou com um pão escuro e um prato com manteiga. Hesitara em relação

à manteiga, mas decidira no entanto levá-la. Não tinha assim tanta falta de manteiga que não pudesse dar um bocado à rapariga. Na verdade, é mesmo um bom isco, já que está a ser tão eficaz mesmo com alguém tão experiente como ela. A dor que Aliide sentiu na mão alastrou-se até ao ombro. Para controlar a sua vontade de bater, tinha segurado o prato da manteiga com demasiada força.

O mapa manchado de lama já não estava na relva. A rapariga provavelmente guardara-o na algibeira.

A primeira fatia de pão foi engolida por inteiro pela rapariga. Só à terceira fatia é que teve paciência para pôr manteiga, mas mesmo assim fê-lo com pressa, colocando uma noz de manteiga no meio do pão, dobrando a outra metade por cima, apertando-as de modo a espalhar a manteiga e finalmente trincou. Um corvo crocitou junto ao portão, os cães ladraram na aldeia, mas a rapariga estava tão concentrada no pão que os barulhos não a fizeram estremecer como antes. Aliide reparou que as suas galochas brilhavam como se tivessem sido acabadas de engraxar. Uma humidade subia da relva húmida para as suas pernas.

— E, agora, como é? Esse teu marido. Anda atrás de ti? — perguntou Aliide, observando atentamente a rapariga a comer. A fome era genuína. Mas o medo? Seria só medo do marido?

— Anda atrás de mim. O meu marido.

— E se telefonasses à tua mãe, para ela te vir buscar? Ou para ela saber onde estás?

A rapariga abanou a cabeça.

— Então liga a algum amigo ou a alguém da tua família.

A rapariga voltou a abanar a cabeça e, desta vez, de maneira ainda mais firme.

— Pronto, então a alguém que não diga ao teu marido onde é que tu estás.

Novas sacudidelas com a cabeça. Os cabelos sujos da rapariga afastaram-se do rosto. Ela puxou-os para a frente e parecia mais ajuizada do que maluca, apesar dos estremecimentos e sacudidelas. Os olhos não tinham um brilho de loucura, apesar de manter o olhar cabisbaixo e tortuoso.

— Eu não te posso levar a lado nenhum. Não tenho gasolina, apesar de até ter um carro. Há uma camioneta que sai da aldeia uma vez ao dia, mas não é certo.

A rapariga garantiu que se iria embora em breve.

— Mas para onde é que vais? Ter com o teu marido?

— Não. Não, não vou!

A rapariga bateu com o chinelo nas pedras do canteiro que estava em frente ao banco. Tinha o queixo praticamente colado ao peito.

— Zara.

Aliide ficou surpreendida. Que raio de apresentação.

— Aliide Truu.

A rapariga parou de dar pontapés nas pedras. Depois de comer voltara a agarrar o rebordo do banco, mas agora as suas mãos estavam livres. Ergueu um pouco a cabeça.

— Muito prazer.

Repressão política, tráfico humano, violência sexual: *A purga* narra as atrocidades da ocupação soviética num país báltico, recordando-nos como o curso da História se repete.

Em 1992, com a queda da União Soviética, a Estónia consegue por fim saborear a liberdade e projectar o futuro. Todos migram para a capital, ninguém quer viver no campo. Aí ficam apenas os velhos, alguns bêbados e bandos de rapazes desordeiros. Aliide Truu, senhora idosa, vive alheada do mundo na sua casa, numa aldeia despovoada, entretendo-se a ouvir rádio e a preparar conservas de fruta. Esta vida pacata é interrompida pela chegada de Zara, uma jovem mulher que precisa de ajuda e que desfia um novelo de mentiras sobre si.

Abrigadas uma na outra, Aliide e Zara vão confrontar um passado nebuloso — amores, traições, vinganças —, descobrindo assim os inesperados laços que as unem. Elas são o rosto das gerações de mulheres que viveram sob o jugo da ocupação soviética nos países bálticos. A sua história, contada neste romance magistral, é também a história da sociedade europeia das últimas décadas.



**PRÉMIO FEMINA
PRÉMIO EUROPEU DE MELHOR ROMANCE
PRÉMIO DE LITERATURA DO CONSELHO NÓRDICO**




«Um feito de bravura, profundamente ligado a um momento histórico, tratando com empatia as difíceis escolhas de um povo oprimido. [...] Um livro do nosso tempo, que mostra que, em épocas de combates virulentos, a literatura ocupa um lugar importante, não para julgar, mas para nos abrir a janela da compreensão.

A partir de um material altamente sensível, Oksanen compôs uma obra de arte impressionante.»

The New Republic



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
 [penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)
 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

ISBN 9789897846540



9 789897 846540 >